

Um desafio para o séc. XXI

Homilia de D. Javier Echevarría
na Missa de acção de graças
pela canonizaçao de Josemaría
Escrivá.

08/10/2002

1. *Laudate Dominum omnes gentes* (Sal 116/117, 1), louvai o Senhor todos os povos. O convite do Salmo responsorial, que ressoou há uns momentos, é um bom resumo dos sentimentos que enchem hoje o nosso coração: *Deo omnis gloria!* , para Deus toda a glória. Queremos

adorar o Deus três vezes Santo e dar-Lhe graças pelo dom com que enriqueceu a Igreja e o mundo: a canonização de Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote, Fundador do Opus Dei, realizada ontem pelo nosso amadíssimo Papa João Paulo II.

A nossa gratidão dirige-se também ao Santo Padre, que deu cumprimento a este desígnio da Trindade: ao dispor-nos a elevar a nossa prece ao Céu, recomendamos ao Senhor a sua Augusta Pessoa e as suas intenções. Sabemos que esta súplica agradará muito a São Josemaría, que amou com toda a sua alma o Vigário de Cristo na terra, até ao ponto de não separar nunca ese amor ao Papa daquele que professava a Jesus Cristo e à sua bendita Mãe. Efectivamente, desde o mesmo instante em que o Senhor entrou na sua alma com os primeiros pressentimentos do Opus Dei, que então ainda não conhecia, começou a rezar e a trabalhar para

fazer realidade o clamor que brotava do seu coração: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!* , todos, com Pedro, a Jesus por Maria.

Todos os participantes nesta Santa Missa, e as inumeráveis pessoas unidas espiritualmente a nós no mundo inteiro, reconhecêmo-nos gostosamente devedores do novo santo que Deus concedeu à Igreja. Muitos de nós obtivemos pela sua intercessão graças e favores de todos os géneros. Não poucos nos esforçamos por seguir os seus passos de fidelidade ao Senhor na terra, tratando de reproduzir nas nossas almas o espírito que ele encarnou. A todos, São Josemaría nos mostrou — com o seu exemplo e com os seus ensinamentos — um modo bem concreto de percorrer o caminho da vocação cristã, que tem como meta a santidade. Por isto, a canonização do Fundador do Opus Dei assume os traços característicos de uma festa: a

festa desta grande família de Deus, que é a Igreja. Por tudo isto queremos dar graças ao Senhor nesta celebração eucarística.

2. Ainda não passaram quarenta anos desde que o Concílio Vaticano II proclamou o chamamento universal à santidade e ao apostolado (cfr. *Lumen gentium*, cap. V), mas ainda fica muito caminho por percorrer, até que esa verdade chegue efectivamente a iluminar e a guiar os passos dos homens e das mulheres da terra. Recordou-o explicitamente o Romano Pontífice, na sua Carta apostólica *Novo Millennio ineunte*, ao propor essa doutrina como «fundamento da programação pastoral que nos corresponde no inicio do novo milénio» (NMI 31).

Todos na Igreja, cada Pastor e cada fiel, estamos chamados a comprometer-nos pessoalmente na procura diária da santidade pessoal e

a participar – também pessoalmente – no cumprimento da missão que Cristo nos confiou. Se o século XX foi testemunha do «redescobrimento» desse chamamento universal – que estava contido no Evangelho desde o princípio, e do qual São Josemaría Escrivá foi constituido arauto pela pessoal vocação divina recebida (cfr. Missa de São Josemaría Escrivá, *Oração colecta*) –, o século que estamos a percorrer há-de caracterizar-se por uma prática desse ensinamento mais efectiva e mais extensa. Eis aqui um dos grandes desafios que o Espírito lança aos homens e mulheres do nosso tempo.

São Josemaría Escrivá procurou despertar esta urgência de santidade em todos os homens. O facto de que a sua canonização tenha tido lugar nos alvores do novo século, é particularmente significativo. A sua mensagem ressoa com especial força nos momentos actuais: «Vieremos

dizer, com a humildade de quem se sabe pecador e pouca coisa – *homo peccator sum* (*Lc 5, 8*), dizemos com Pedro –, mas com a fé de quem se deixa guiar pela mão de Deus, que a santidade não é coisa para privilegiados: o Senhor chama a todos, de todos espera Amor: de todos, estejam onde estiverem; de todos, seja qual for o seu estado, a sua profissão ou ofício. Porque essa vida corrente, quotidiana, sem brilho, pode ser meio de santidade: não é preciso abandonar o estado que cada um tem no mundo, para procurar a Deus, se o Senhor não dá a uma alma a vocação religiosa, visto que todos os caminhos da terra podem ser ocasião de um encontro com Cristo» (*Carta 24-III-1930*, n. 2).

3. Em todos os momentos – como aconselhava o novo Santo já desde os anos 30 (cfr. *Caminho*, n. 382) – há que *procurar* o Senhor, *encontrá-Lo* e *amá-Lo*. Só se nos esforçamos dia a

dia por percorrer estas *três etapas*, chegaremos à plena identificação com Cristo: a ser *alter Christus, ipse Christus*. «Talvez vos pareça – repito-o com as suas palavras – que estais na primeira etapa. Procurai-o com fome (...). Se o fazeis com este empenho, atrevo-me a garantir que já o encontrastes, e que já começastes a conhecê-lo e a amá-lo e a ter a vossa conversa nos céus (cfr. *Fil 3, 20*)» (*Amigos de Deus*, n. 300).

Encontramos Jesus na oração, na Eucaristia e nos outros sacramentos da Igreja; mas também no cumprimento fiel e amoroso dos deveres familiares, profissionais e sociais de cada um. Trata-se, verdadeiramente, de um objectivo árduo, que só no fim da peregrinação nesta terra poderemos atingir plenamente. «Mas não me percais de vista que o santo não nasce: forja-se no contínuo jogo da graça divina e da correspondência humana». Assim

exortava São Josemaría numa das suas homilias; e acrescentava: «Por isso te digo que, se quiseres portar-te como um cristão coerente (...), deves ter muito cuidado com os mais pequenos pormenores, porque a santidade que Nosso Senhor te exige atinge-se realizando com amor de Deus o trabalho e as obrigações de cada dia, que se compõem quase sempre de pequenas realidades» (*Ibid.*, n. 7).

Santificar o trabalho. Santificar-se com o trabalho. Santificar os outros com o trabalho. Nesta frase gráfica resumia o Fundador do Opus Dei o núcleo da mensagem que Deus lhe tinha confiado, para recordá-lo aos cristãos. O empenho por alcançar a santidade encontra-se inseparavelmente unido à santificação da tarefa profissional pessoal – realizada com perfeição humana e rectidão de intenção, com espírito de serviço – e à santificação

dos outros. Não é possível alhear-se dos irmãos, das suas necessidades materiais e espirituais, se se quer seguir os passos do Senhor. «A nossa vocação de filhos de Deus, no meio do mundo, exige-nos que não procuremos apenas a nossa santidade pessoal, mas que vamos pelos caminhos da Terra, para convertê-los em atalhos que, através dos obstáculos, levem as almas ao Senhor; que participemos, como cidadãos normais e correntes, em todas as actividades temporais, para sermos levedura (cfr. *Mt* 13, 33) que há-de fermentar toda a massa (cfr. *1 Cor* 5, 6)» (*Cristo que passa*, n. 120).

Roma, Praça de S. Pedro, 7 de Outubro de 2002
